

moçambicanos... porque não sabem reconhecer a sua própria cultura.

Mas é um exercício doloroso esse que você sugere.

É preciso reverter essa coisa psicológica de auto-negação; reconhecer que eu tenho a minha bisavó que é especialista em fazer óleo de ricino e buscar aquela técnica e dar-lhe uma componente mercadológica, colocar a marca, dar certificação nacional e internacional para que possa entrar no mercado europeu e também nos supermercados moçambicanos... educar aos meus que aquilo é de valor agregado.

Temos de ter alguma vantagem comparativa de qualquer modo...

O que vai acontecer é que se nós, no nosso conceito de indústrias culturais e criativas, não salvuardarmos o resgate do património cultural dos moçambicanos, não vamos ter produtos que possam concorrer a nível global.

Parece ser esse o cerne do livro.

O que está proposto neste livro é um conceito de natureza desconstrutivista em função do contexto histórico de auto-negação cultural que aconteceu ao longo dos tempos e da possibi-

lidade de inserir-se na narrativa global a partir de uma narrativa local.

Filosoficamente, como fazer vingar essas ideias? Porque sob o ponto de vista legal, temos muita legislação... e há ainda muito preconceito em relação aos produtos assinados pelos moçambicanos... como desminar as mentes?

Temos de educar as pessoas. A nossa educação tem de ser de cultura. Eu defendo que as nações africanas precisam de uma educação e cultura... não de um projecto ministerial de cultura e turismo porque não vais vender uma coisa que as pessoas são incapazes de defender; temos aqui problemas muito grandes de identidade e de celebração do que é nosso. Não vamos ter indústria cultural e criativa nenhuma se tivermos dificuldades de reconhecer valor nas nossas coisas. Olha, nas casas dos nossos dirigentes... vais encontrar cópias de Monalisa porque desprezamos obras de Gonçalo Mabunda ou Mauro Pinto...

É obvio que muitas coisas mudaram no mundo... ou acha que não?

A construção das identidades já não se funda na bandeira, nas heroicidades da luta primária ou da luta da libertação, mas nas

tendências. O desafio é como é que pegas no teu conhecimento tradicional o empacotas para ir parar à mesa de fulano e ou cirano. Produzimos morango na Namaacha, mas encontras esse mesmo produto a ser comercializado por outros países. Isto tem a ver com as indústrias criativas, economia criativa. Do mesmo jeito que existe o Vinho do Porto, também podemos ter Morangos da Namaacha.

O que está a falhar?

Porque se pensa que a cultura é assunto do Ministério da Cultura; erro crasso. A política industrial de Moçambique preconiza como sectores fundamentais a indústria têxtil e indústria de mobiliário; ora, são produtos de criativos. É preciso formar "designers" que possam produzir para essas áreas.

No fim tudo se resume em investir, investir. Há premissas para avançarmos?

Há condições para sonharmos... se olharmos para a ECA e o ISARC, mesmo com dificuldades financeiras, estão a formar pessoas que estão a fazer coisas, que estão a empreender em diversas áreas. Há uma bola de neve que começa a ganhar forma... mas é preciso estabelecer regras porque este é um fenómeno eminentemente urbano.



Temos de pensar a indústria cultural e criativa como uma cadeia de valor

Mélio Tinga vence prémio literário



O jovem escritor moçambicano Mélio João Tinga é o vencedor da 4.ª edição do Prémio Literário Imprensa Nacional/Eugénio Lisboa, cujo valor monetário é de 5.000,00 € (cinco mil euros).

O júri, constituído pelo poeta e editor moçambicano Mbate Pedro, na qualidade de presidente, Sara Jona Laisse e Paula Mendes, deliberou atribuir o prémio de prosa literária Imprensa Nacional/Eugénio Lisboa ao texto "Marizza", da autoria de Mélio Tinga, "pela qualidade literária de uma escrita permeada por notáveis registos poéticos. "Marizza" ajuda-nos a reflectir sobre o lugar da lite-

ratura e da cultura nos tempos modernos".

O júri Acrescenta ainda que a obra é merecedora do prémio pela criatividade com que o autor aborda um assunto do quotidiano e à sua qualidade e inovação estética.

Mélio Tinga diz que ao receber a notícia ficou sem reacção. "Quando recebi a chamada do anúncio ocorreu-me uma sombra".

O jovem escritor diz-se honrado pelo galardão. "Para qualquer escritor o prémio é importante porque funciona como uma luz, mostra que não estamos totalmente perdidos nos nossos projectos literários. E é o reconhecimento do que tenho vindo a fazer,

é motivador".

"Marizza" é um romance que decorre numa cidade fictícia e tempo futuro. Conta a história de Sérgio Motta, escritor e presidente da mesa de júri de um prémio literário que conhece Marizza, jovem com talento para fazer poesia. Os dois iniciam uma relação, sendo que o enredo se desenrola ao ponto de a esposa do escritor, Anatole, saber que o seu marido tinha uma amante, numa altura em que se encontrava a recuperar de um problema de saúde.

Por outro lado, Mélio Tinga traz ao debate esquemas de corrupção nos prémios literários. O facto sucede-se quando uma obra que se diz não possuir qualidade vence um Prémio Nacional de Literatura. "Quem lida diariamente com instituições acaba por perceber que tudo funciona na base de um esquema. Há um sistema montado para favorecer e é baseado no dinheiro".

Mélio Tinga é autor dos livros "A engenharia da morte" e "O Voo dos Fantasmas".

O júri decidiu ainda atribuir uma menção honrosa ao texto "Eva", de Léo Cote.

Sukuma e Uamusse no hino solidário



Os músicos moçambicanos Stewart Sukuma e Selma Uamusse integram a lista de diversos artistas convidados pela Organização Não-Governamental para o Desenvolvimento (ONGD), AIDGLOBAL-Ação e Integração para o Desenvolvimento Global, a participar do hino solidário com o título "Para quem depois vier".

Trata-se de uma música que destaca a importância da educação com enfoque para as áreas de literacia e cidadania activa. A música foi composta pelo cantor e autor português Sebastião Antunes e já está disponível no canal de Youtube do compositor e nas redes sociais e Website da AIDGLOBAL, nas plataformas de Streaming, sendo que por cada visualização ou áudio do hino há um valor que reverte a favor da AIDGLOBAL.

Uma parte do dinheiro vai ser investido na ampliação da Rede de Bibliotecas Escolares do Distrito do Chibuto; criação e implementação de escolinhas para a 1.ª Infância em contextos rurais na província de Gaza; elaboração de recursos pedagógicos para docentes; a capacitação de professores na área da Educação e da Cidadania Activa e a sensibilização e mobilização dos jovens para o voto.

Fazem parte deste hino artistas portugueses como Ana Lains, Carla Pires, Carlos Moisés, Célia Leiria, Cherry, Duarte, Joana Amendoeira, Paulo de Carvalho, Rodrigo Costa Félix, Rogério Charraz e Silvana Peres.